



## **O chão, o pano e o bastão**

The ground, the cloth and the stick

Rose Helena Reyes<sup>1</sup>  
Unicamp

### **Resumo**

Texto autobiográfico que atravessa experiência em teatro, arte/educação e formação de professores. Toma-se três “materiais não-estruturados” – chão, pano e bastão, enquanto elementos estruturais e estruturantes dessas práticas, ao mesmo tempo concretas e simbólicas. Um passeio por registros fotográficos dá espaço a memória corporal dos diversos trabalhos que desenvolvi e a faz reencontrar esses três elementos sempre presentes, construindo e transformando suas experiências. Comporiam, chão, pano e bastão, uma via de navegação que traz os conflitos presentes nas relações humanas em volta da criação, o desafio de posicionar-se diante das múltiplas possibilidades e efemeridade das produções simbólicas, a aproximação ao enigma do desejo.

**Palavras-chave:** arte, educação, materiais não-estruturados, experiência, memória.

### **Abstract**

Autobiographical report that pass-through an experience in theater, art-education and teacher education. It takes three non-structured materials – the ground, the cloth and the stick, as structural and structuring elements for those practices, which are at the same time concrete and symbolic. A tour through photographic registers, gives space for body memories on the different works which I have been developing and makes it possible to rediscover those three ever present elements, building and transforming her experiences. The ground, the cloth and the stick compose a route of navigation that brings the conflicts present in human relations around creation, the challenge to position oneself in the face of multiple possibilities and ephemerality of the symbolic productions, the approach to the enigma of desire.

**Keywords:** art, education, non-structured materials, experience, memory.

Enviado em: 01/06/18 - Aprovado em: 17/07/18

Será necessário situar este escrito para que se possa compreender seu sentido.

Em diferentes ocasiões em que os primeiros escritos de meu doutorado foram compartilhados, foi-me novamente sugerido que abrisse mais espaço à minha formação

como artista/educadora, talvez como uma necessidade de ressaltar a coexistência de diferentes tempos/espacos associados à experiência de meu objeto de pesquisa, as montagens dramáticas que se colocaram como ritos de passagem, dos grupos de quintos anos que saem de nossa escola, a Casa Via Magia.

Em sua última versão, no entanto, decidimos, por bem, não incluir este texto na tese, por se tratar de algo mais abstrato, a ser compartilhado em outra oportunidade. Eis que parece ter chegado o momento orgânico de fazê-lo.

“A lembrança [...] representa precisamente o ponto de interseção entre o espírito e a matéria”.

(BERGSON, 1990. p. 4)

Quando comecei a escrever este relato, fui tragada pela ideia de não o ordenar no tempo cronológico, nem separar os vários planos de minhas práticas. Mapeá-las em acontecimentos parecia encantador. Interligá-las espacialmente, de forma atemporal, parecia ser o melhor caminho, pois tentar tomar este escrito como um rizoma (à maneira deleusiana) seria uma forma de assumir sua heterogeneidade, a conexão entre as várias dimensões da vivência, sem estabelecer *a priori* alguma ordem, ou mesmo a superioridade de alguma delas.

A pergunta sobre o que teria feito tornar-me a profissional que sou ecoou de maneira inesperada, então; e me veio, não sei exatamente de onde, uma resposta concreta: o chão, o pano e o bastão. Como se eles fossem elementos fundamentais, estivessem carregados de significância, e pudessem desvelar muito da senda que buscava tratar.

Perguntei a mim mesma sobre a solidez dessa resposta intuitiva e procurei em registros fotográficos uma confirmação de seu ancoramento no real. Eis que me deparei com inúmeras imagens, dos mais diversos momentos de meu trabalho, ao longo de todos esses anos, em que se faziam presentes um, dois, ou mesmo os três desses elementos.

Entendi que era esse o caminho e segui para uma segunda etapa do desafio: ver as fotos, deter-me nelas, olhá-las sem pressa, uma e outra vez.... Retirar umas tantas, procurar outras sem saber exatamente o que buscava. Apenas ouvir a voz das sensações táteis, auditivas e visuais que estariam sendo provocadas pela percepção dessas imagens agora, depois de muito ou pouco tempo da vivência das situações que seus registros

estavam trazendo de volta. Não mais as mesmas situações, logo constatei, mas um reconhecimento que revê o que foi e se perde entre o olhar do presente, de uma impressão atual de suas representações, e as lembranças do corpo que a elas se associam.

E bastaria o desejo de fazê-lo? Ter uma tarefa associada a esse exercício de reconhecimento e re-visão, dar a ele um caráter de utilidade, seria razão para inibição, ou oportunidade para manifestação das lembranças?

Diz-nos Bergson (1990, p. 75):

Constantemente inibida pela consciência prática e útil do momento presente, isto é, pelo equilíbrio do sistema sensório-motor de um sistema estendido entre a percepção e a ação, essa memória aguarda simplesmente que uma fissura se manifeste entre a impressão atual e o momento concomitante para fazer passar aí suas imagens. Em geral, para remontar o curso de nosso passado e descobrir a imagem-lembrança conhecida, localizada, pessoal, que se relacionaria ao presente, um esforço é necessário, pelo qual nos liberamos da ação a que nossa percepção nos inclina: esta nos lançaria ao futuro; é preciso que retrocedamos no passado. Neste sentido, o movimento tenderia a afastar a imagem. Todavia, por um certo lado, ele contribui para prepará-la. Pois, se o conjunto de nossas imagens passadas nos permanece presente, também é preciso que a representação análoga à percepção atual seja *escolhida* entre todas as representações possíveis. Os movimentos efetuados ou simplesmente nascentes preparam essa seleção, ou pelo menos delimitam o campo de imagens onde iremos colher.

E como seria o segundo momento, o de traduzir a experiência em palavras? Entre os mais velhos livros da estante, uma outra resposta, por Artaud (1987, p. 120): “não se trata de suprimir o discurso articulado, mas de dar às palavras mais ou menos a importância que elas têm nos sonhos”.

Decidi, então, dedicar atenção às imagens corporais agora atualizadas por registros de práticas com esses materiais, menos ou mais antigos, deixando que elas produzissem fissuras por onde pudessem atravessar as lembranças.

“Há muitos objetos num só objeto”<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> Frase de Bertolt Brecht, em Horácios e Curiácios, utilizada por José Celso Martinez em sua peça *Gracias Señor*, de 1972, em que o uso de um bastão era improvisado entre plateia e atores.

Numa primeira mirada, admirei-me do quanto o chão, o pano e o bastão sempre estiveram presentes. Haviam traçado um emaranhado de linhas, costurado muitas histórias, como materiais vivos, viventes. Poderiam falar-nos de uma trajetória plural, e também singular, desenhar o todo de um trançado até onde estivesse atrapalhado.

Foram matérias de manifestação de um jeito de “estar-no-mundo”. Teriam sido suporte para um (nomeado por mim) misturalismo, de uma impossibilidade de monogamia prático/teórica ou metodológica? Por certo, foram parte de vivências sempre múltiplas, embora igualmente química de mesmos elementos.

O chão, o pano e o bastão – e suas propriedades materiais – estiveram em relação, produziram relações. Levados de um lado a outro, dentro de um mesmo lugar, ou entre lugares de uma mesma atividade, as caixas de panos e os bastões, pousados em diferentes chãos, transformavam-se conforme eram utilizados. Traziam em si mesmos suas possibilidades, sua potência, e a ela agregava-se intuitivamente a potência de nossa ação humana naquele tempo/espço. Eram frequentes, mas tinham usos diferentes.

Em uma aula, fosse com crianças ou professores, havia sempre um planejamento, mas os materiais eram entregues aos alunos para que fossem incorporados à maneira de cada um. Da mesma forma que com os atores, havia uma consigna para sua utilização, mas havia uma escolha, a necessidade de testar tratamentos; e esse delimitar seletivo significava o afastamento de todas as outras ordenações possíveis.

O pano e o bastão, como materiais não estruturados, ofereciam-se a nós e nós a eles. Estruturando-os de uma forma que eles nos permitissem, acabávamos nos estruturando também – ainda que passássemos por encruzilhadas e por quedas. Nesse instante, por trás das imagens das fotos, apareceram muitas outras trazidas pela memória. Situações-impasse seguidas de desdobramentos custosos.

Como lembra-nos Larrosa (2015, p. 27), ao remeter-se ao saber da experiência através de Heidegger: “fazer uma experiência com algo significa que algo nos acontece, nos alcança; que se apodera de nós, que nos tomba e nos transforma”.

O pano e o bastão, dessa forma incluídos, causaram transtornos em passagens de cenas, tornaram-se motivo de disputa entre as crianças, motivo de preocupação para educadores – especialmente no caso do bastão, que pode tornar-se instrumento de

agressão. Foram materiais usados como suporte de criação, mas também nos exigiram maleabilidade, negociação, conversa entre ator e personagem, entre adulto e criança, entre desejo e realidade, entre ação e possibilidade.

Nesse ponto, vem-me dos tempos de antes (estou remetida ao intervalo dos últimos trinta, quarenta anos) a colocação de Ostrower (1977, p. 28), fazendo a diferença entre arte e terapia. Diz-nos ela que a criação é muito mais uma questão de potência renovada do que de potência descarregada; trata-se mais de enriquecimento da produtividade, da reestruturação e ampliação do ser.

Podemos pensá-la como terapêutica na medida em que ela poderá nos surpreender, nos fragilizar, nos afetar, nos demandar abertura para o inusitado, para a vida. Mas o fato é que há uma transmutação dentro da situação, uma transformação e um investimento imediato que recarrega o ato.

Em seguida a esse pensamento-lembrança, vem-me um pensamento presente. Nós, que seguimos sendo leitores de Freud, por vezes através de Lacan, temos o entendimento que era isso mesmo que ele dizia. Nunca arte simplesmente como descarga. Na verdade, o processo de sublimação, implícito na produção de conhecimento (e aí não se separam arte, ciência, filosofia, saberes do senso-comum...), implica pulsão e transmutação da libido; prazer (e, portanto, descarga) e produção de sentido; contato com as questões existenciais que se colocam ao humano e, também, impulso à ação, da mesma híbrida constituição.

Voltemos, então, à dinâmica mutante com o chão, o pano e o bastão. Na maioria das vezes, esses materiais retornam a seu estado original de não-estruturados. São efêmeras suas configurações. Não somente com as crianças, mas também com os atores. Diversas vezes, os figurinos dos espetáculos que dirijo são compostos de panos e/ou bastões, que se desfazem de suas funções específicas após o uso.

São provisórios como o teatro é. Sobreviventes da ação, não perduram, vivem de um instante que não se repete. Como no teatro que tem um público variado e novo a cada dia, tem uma performance alterada por conta dele, pelo estado de ânimo do elenco, pelas condições do espaço cênico e por acasos imprevisíveis, de diferentes naturezas.

Um segundo olhar às imagens me remete mais especificamente a uma experiência concreta, a um devir próprio, mas já se anunciam serem do mundo, como se não me

pertencessem. Impossível tratar essas imagens como minhas. Elas parecem ocupar um lugar entre. Sinto-me acompanhada de outros ao mirá-las.

Essas situações/acontecimentos fizeram parte de momentos de vida coletiva, de grupos de pessoas, de encontro com mestres inspiradores; fizeram parte de ideias, ambientes, atmosferas; do espaço de casas, escolas, parques, jardins, teatros, museus, ruas, calçadas, quintais.... Do cotidiano de ensaios, de aulas, de estudos, de festivais, de espetáculos, celebrações; de palavras e poesias, mãos, pés e percursos de dois, de mais, de muitos.

Olho muitas fotos. Algumas não quero; algumas me lembram outras e preciso buscá-las; outras não existem na realidade, apenas na memória. Fico com um tanto de imagens escolhidas e com o que elas me evocam nesse momento, com o sentido e o sem-sentido delas.

“Para evocar o passado em forma de imagem, é preciso poder abstrair-se da ação presente, é preciso querer sonhar”.  
(BERGSON, 1990, p. 63-64)

Revejo as fotos. As percepções delas e as sensações/lembranças interpenetram-se. Vejo movimentos, sinto texturas, ouço pedaços de textos, palavras, diálogos, músicas. Procuro permitir ao corpo retomar e transmutar imagens cinestésicas, sonoras, visuais...

O pano aparece como casa, como ninho, como abrigo, como esconderijo; como pele, como roupa, como manto, como capa; para esconder-se ou mostrar-se, ficar ou desaparecer; para estar e esperar o tempo passar. O pano faz bandeira, pode acenar, dançar, passear... O pano dá colorido ao jogo dramático, pendura-se em trapézio, enrola-se pelo corpo, muda a aparência da situação, dá movimento ao momento e ao gesto. Dá transparência aos mistérios das estrelas e da alma.

O pano era água, foi fogo, foi ar. O bastão é terra, é pata, é apoio do peso, extensão da mão, extensão do gesto, intenção da ação. O bastão é arma, caça e guerra. Sendo espada, lança e flecha. Acompanhado de ritmo, de canto, de som de madeira, de gritos de luta, de vozes de feras, de silêncios de tocaia. Também trabalho de enxada, vassoura, também bengala e cetro. O bastão foi suporte da ação, do fazer acontecer, símbolo de poder ser.

O chão mostrou-se, então. Impassível depósito do corpo inteiro, o receptáculo das quedas, chão do deslizar e rastrear sobre a dureza, do contato com a aspereza; chão de ar livre a céu aberto, de olhos para o azul; chão dos lugares de dentro, dos olhos fechados, da quietude, do sono; também apoio para virar de ponta-cabeça, das pernas para cima, das brincadeiras, dos risos, da inversão das folhas; chão do jogar-se, estar perto, do encontro de olhares, do mesclar-se, do abandonar-se, espaço de estar aí e aí estar.

Juntos, chão, pano e bastão, inventaram ou transportaram rituais de vida e de morte que, com texto ou sem texto, fizeram-se cômicos ou trágicos. Aconteceram com grandes e também com pequenos, menos planejados do que improvisados. Em performances, passeatas e oficinas. Um baião de três.

As fotos e as lembranças me jogam um pouco mais aquém. Vejo o chão, o pano e o bastão como estruturantes, fazendo parte de uma montagem sempre inacabada, de uma espécie de território de trabalho, constituído de sendas triangulares, em cujo centro estão o corpo, o convívio e a linguagem. Tripés derivados continuam se fazendo, combinando-se, separando-se, desaparecendo. Um campo delimitado, mas amplo, em que cabem utensílios e inutensílios, de múltiplas entradas e múltiplas saídas.

Como um barco que percorre rios e mares, que carrega tripulantes dos mais jovens aos mais velhos. Também navegante estou eu mesma, mulher, atriz, educadora, dedicada a uma dramaturgia própria e fazendo adaptações de textos alheios, na direção de atores, mas também de atuantes e ativistas. Barco-chão, vela-pano, mastro-bastão. Tripulantes mergulhadores nas tempestades da militância da educação, nas marés cheias de dias e noites teatrais, nos dramas existenciais de crianças, atores e educadores.

O chão, o pano e o bastão: materiais orientadores de expedições perigosas em busca de saberes, modos de criação, seguindo direções incertas, desnorteadas e reorientadas pelo enigma do desejo.

O chão, o pano e o bastão



**Figura 01.** O chão





**Figura 01.** O pano



**Figura 03.** O Bastão

## Referências

ARTAUD, A. **O teatro e seu duplo**. São Paulo: Max Limonad, 1987.

BERGSON, H. **Matéria e Memória** – Ensaio sobre a relação do corpo com o espírito. São Paulo: Martins Fontes, 1990.

LARROSA, J. **Tremores**: escritos sobre experiência. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.

OSTROWER, F. **Criatividade e Processos de Criação**. Petrópolis: Vozes, 1977.

---

<sup>i</sup> Dedicou-se ao teatro e à educação desde 1972. É Mestre pelo Goddard College Graduate Program - Theater Education Project, nos Estados Unidos, licenciada em pedagogia, com formação em psicanálise, Mestre em Educação pela Universidade Federal da Bahia e Doutora em Arte-Educação pela Unicamp. Autora, diretora e atriz de teatro, recebeu diversos prêmios por espetáculos teatrais dedicados ao público infanto-juvenil. Desenvolveu projetos de formação de professores de Educação de Artes junto às Universidades Federais/Secretarias de Educação de São Paulo, Rio de Janeiro, Mato Grosso do Sul, Goiás, Paraíba e Bahia. Ministrou curso para o Plano de Educação para a Integração da América Latina (UNESCO/Parlamento Latinoamericano) no Uruguai, reunindo Ministérios de Educação dos países do Mercosul. Participou da equipe do Ministério da Educação no projeto Parâmetros com Arte. É diretora do projeto Casa Via Magia, sendo supervisora pedagógica da escola. É fundadora do Instituto Cultural e do Centro de Desenvolvimento de Capacidades da Casa Via Magia. Publicou os seguintes livros: Nada querer saber sobre o sexo e sobre a morte. *Ágere Revista de Educação e Cultura (UFBA)*, 2004. A hora e a vez do jogo dramático. In: Luciana Haddad Ferreira (org). *Arte de Olhar – Percursos em Educação*. São Paulo: Ílion Editora, 2011. Coleção Corpo, Convívio e Linguagem. Vol. 1 - O corpo tem seu lugar na escola; Vol. 2 – Desejo, lei e reciprocidade no convívio escolar; Vol. 3 – A via da arte dramática na escola; Vol. 4 – Reflexões sobre sexualidade e agressividade na escola; Vol. 5 – Para onde nos tem levado a via da arte?. Bahia: Edufba, 2011.

Como citar esse artigo:

Reyes, Rose Helena. O chão, o pano e o bastão. **Revista Digital do LAV**, Santa Maria: UFSM, v. 11, n. 2, p. 219-229, mai./ago. 2018.